PRESIDENTES DO CEARÁ

SEGUNDO REINADO

18.º PRESIDENTE

DR. JOAQUIM MARCOS DE ALMEIDA RÊGO

(de 6 de Julho de 1851 a 28 de Abril de 1853)

PELO

DR. CRUZ ABREU

CONTINUAÇÃO DA «REVISTA» DE 1924

A 4 de Julho de 1851, 6.ª feira, ás 3 horas da tarde, transpunha a ponta do Mucuripe, e, em marcha vagarosa, demandava o ancoradouro da Fortaleza a barca a vapor «Bahiana», procedente do Rio de Janeiro Tinha a seu bordo, entre outros passageiros, o dr. Joaquim Marcos de Almeida Rêgo, nomeado presidente do Ceará por C. I. de 31 de Maio de 1851.

Era o primeiro medico que ia occupar a cadeira presidencial do Ceará. Por ella já haviam passado, desde 1824, militares, bachareis, lavradores, padres, proprietarios e doutores, Medico nem um.

Almeida Rêgo foi o primeiro, e só trinta e dois annos depois é que um outro foi occupal-a—Satyro Dias—, que teve a gloria de proclamar na praça

publica, no local onde hoje se ergue a estatua de Sampaio, a libertação total dos escravos no Ceará, no memoravel dia 25 de Março de 1884. E foram estes dous medicos os unicos que tiveram a alta missão do governo do Ceará, durante o Imperio.

O desembarque de Almeida Rêgo effectuou-se ás 4 1/2; assim, foi numa bella tarde de Julho que o novo presidente pisou, pela primeira vez, as alvas areias da praia cearense, onde se achava, na ancia de o conhecer, o estado-maior do partido conservador, que o esperava.

Feitas as apresentações, trocados os primeiros cumprimentos e sorrisos, que a hospitalidade cearense nunca recusa ao recem-vindo, poz-se a comitiva em marcha, subindo a rua dos Mercadores.

No palacio do governo, occupado ainda pelo dr. Silveira da Motta, presidente demissionario, estavam preparados os aposentos que devia occupar o novo presidente com sua familia, numa inversão immediata de situação, passando a hospede o hospedeiro. De facto, o dr. Silveira da Motta continuou em palacio até o dia 8, hospede do dr. Almeida Rêgo, aguardando a passagem da barca «Pernambucana», que o devia levar ao sul.

Não era a primeira vez que o dr. Almeida Rêgo se via distinguido com uma commissão do governo. Diplomado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro em 1838, entregava-se aos labores da clinica, na Côrte, quando teve a nomeação de sub-delegado de policia da freguezia de S. José, cargo de confiança politica que revestia o cidadão, nesse tempo, de grande autoridade e lhe dava notavel prestigio.

No exercicio dessa funcção, sua attitude foi muito censurada pelos liberaes; accusavam-no com vehemencia pela intervenção indebita, que elle teria tido por occasião da eleição da camara e juizes de paz (8 de Set. 1848), e a esse serviço de ordem eleitoral attribuiam, exclusivamente, sua

escolha para o elevado cargo de presidente do Ceará. Era manifesta a injustiça, posta em evidencia, posteriormente, pelo elevado merecimento de que deu provas Almeida Rêgo durante sua profícua existencia de 66 annos.

Recebido no Ceará com a maior cordialidade pelos conservadores e pelo elemento estranho á politica militante, o dr. Almeida Rêgo teve logo a medida da prevenção com que o recebiam os liberaes: O «Cearense», orgão do partido na local em que deu noticia de sua chegada, alludiu, com lamentavel descortezia, a um artigo do «Grito Nacional», periodico publicado no Rio de Janeiro, notavel pela violencia de habituaes aggressões. Muito o teria maguado essa injustiça dos liberaes cearenses; mas o dr. Almeida Rêgo, indifferente á magua, na mais absoluta serenidade de espirito, entregou-se desde logo ao seu arduo dever de tomar as medidas urgentes reclamadas pelo estado de angustia da população da Fortaleza, que a febre amarella começava a dizimar.

Os primeiros casos haviam apparecido nos ultimos dias da administração finda, e Silveira da Motta tomara já as primeiras providencias.

Partindo, em 1850, do Rio de Janeiro, intensamente assolado, a febre amarella foi se propagando para o norte, demorando-se de provincia em provincia, até o Pará, que era o extremo norte; exceptuaram-se o Maranhão e o Ceará, atacados posteriormente.

Ao Ceará chegavam, pelos vapores quinzenaes, que faziam a carreira do norte, as noticias da crescida mortalidade produzida pela epidemia no Rio, na Bahia, em Pernambuco, onde quer que ella fosse chegando.

Impressionavam particularmente os obitos, ve-

rificados no Rio, de pessoas da alta categoria social, senadores e deputados banqueiros e capitalistas, que, bem se comprehendia, não se puderam forrar ao assalto do inimigo, a despeito da rigorosa hygiene privada, que lhes permittia amplamente a folgada situação financeira. Ninguem, ricos e pobres, se presumiu, pois, no Ceará, com isenções provaveis, de modo a escapar ao ataque que a todos se afigurava inevitavel.

Dos medicos pouco se esperava. Elles mesmos nada podiam garantir, deante da violencia da epidemia e, ainda mais, na ignorancia absoluta da etiologia, pathogenia e therapeutica da molestia.

Aconselhavam, como medidas therapeuticas «defumadores de qualquer cousa que produzissem de prompto suor copioso, pôr os pés n'agua bem quente, e depois purgantes de ricino; o enfermo devia estar em lugar recolhido onde não entrasse ar e por 8 a 15 dias devia guardar dieta e estar recolhido».

O dr. Castro Carreira affirmava que «—o agente verdadeiro estava em um *quid* da atmosphera, que nós não podemos determinar—», accrescentando que «—o cumprimento dos preceitos hygienicos e uma bôa policia medica, quando não podessem obstar o desenvolvimento do mal, poderiam ao menos minorar-lhe os effeitos—».

Cabiam-lhe, a esse digno funccionario, no desempenho dos cargos de *medico da pobreza* e provador da saúde do porto, as attribuições que são hoje commettidas ao inspector de hygiene, e elle as desempenhava conceitando os poderes publicos a tomarem as medidas, que lhe pareciam de maior urgencia.

«—O matadouro do açougue—», dizia, «—comquanto esteja em bom local, deve, todavia, ser mudado para o lado opposto do curral, pois que, o lugar onde se faz a matança, já está muito impregnado de sangue e outras materias em putre-

fação; cumpre que sejão enterrados todos os restos de fato e mais pertences etc—».

«—A feira é um foco, que só aprecia quem lá vai. E' preciso ter o maior cuidado nos misteres de nossa alimentação; seria de grande conveniencia proceder-se a uma inspecção sanitaria em todos os quartos e tabernas, e nós estamos promptos para isso; ha poucos dias passamos por uma taberna de dentro da qual sahia um cheiro insuportavel. Cumpre não consentir no centro da cidade salgadeiras de couro, como existe uma por traz da rua dos quarteis: as nossas ruas, comquanto largas, espaçosas e bem arejadas, precisão, todavia, dos cuidados dos fiscaes da camara, afim que não ajuntem immundicies; não ha muito tempo, que presenciamos em uma de suas mais frequentadas ruas um grande caxorro que entrou em putrefação e consumiu-se, sem que ninguem o tirasse; tenha-se cuidado para que não empocem as aguas da chuva (1); grande cuidado reclamão as aguas estagnadas nos quintaes da rua de Baixo, e já que tratamos destas aguas, não podemos deixar de lançarmos as vistas para um intitulado açude do Pajehú, onde se pretendeu fazer deposito d'agua para um chafariz de inverno. O que se pode esperar de um charco, onde se acha uma porção não pequena d'agua empoçada, e onde a lavagem de roupa e animaes se acha unido substancias vegetaes e animaes em putrefação, senão um verdadeiro foco de emanações deleterias, senão males que só serão apreciados, quando produzirem os seus estragos? Porém, com isto nem por pensamento ventilamos a idéa de sua destruição, unicamente offerecemos este nosso pensamento ao futuro, o Ceará desse tempo fará justiça—».

«—Não menos bella é a tal lagôa do Garro-

(1) As ruas de Fortaleza não eram providas de calçamento.

te (2); estas aguas em quanto estão novas, e são em grande quantidade, nenhum mal nos fazem, porém quando principião os ardores do sol, pelo verão, as materias animaes e vegetaes, que em si contém, entrão em putrefação com a decomposição d'agua, e então he quando nos faz mal, nos he prejudicial; e se não esperimentamos os seos terriveis effeitos, he por que felismente gosamos de um bom clima, aos nossos ventos geraes devemos em grande parte a salubridade, de que experimentamos; mas se isto nos he dado em tempos ordinarios, ou até o presente, não devemos abusar de tanta bondade, cumpre tomarmos nossas medidas; pois que nem sempre gosaremos de tão bellas influencias—».

«—As nossas fontes devem ser cuidadosamente vigiadas, áfim de que, aquelles, que tomão agoa, o fação com o asseio, que requer esta parte tão importante de nossa alimentação—».

«—Aos Srs. inspectores de quarteirão do Outeiro, Garrote e rua da Palha cumpre vigiar o estado da pobresa, por que esta em geral balda de recursos, são por naturesa pouco asseiados; entendemos ser de grande consideração vellar sobre elles, nós, que temos muitas veses occasiões de os observar, nos horrorisamos algumas veses, além da miseria, com o desleixo e porcaria, fasemos de nossa parte, o que podemos, porém torna-se preciso, que haja quem nos ajude—».

Taes eram as condições geraes de hygiene da capital, segundo o testemunho irrecusavel do representante official do governo, nesse departamento da administração publica.

Governava então o Ceará o dr. Fausto de Aguiar e, attento ao que dizia a unica autorida-

(2) Hoje, no centro do Parque da Liberdade.

de sanitaria de caracter official, approvou temporariamente, até que se reunisse a Assembléa Provincial, duas posturas votadas pela Camara Municipal:—uma que só permittia salgadeiras fóra da cidade e das povoações e prohibia «—estender nas ruas ou largos desta cidade couros humidos que exhalem máo cheiro—»; outra, prohibindo a criação ou conservação de porcos—«ainda mesmo em chiqueiros—», no perimetro urbano, até a distancia de meia legua. Aos trangressores da primeira impunha-se a multa de 16$000 réis ou 16 dias de prisão; os da segunda pagariam 4$000 réis ou teriam 8 dias de prisão.

Quanto ao reservatorio do Pagehú, ficou deliberada sua conservação, ouvidos os pareceres dos medicos drs. Liberato de Castro Carreira e Marcos José Theophilo e dos cirurgiões Joaqnim da Silva Santiago e José Joaquim Machado.

A população da Fortaleza, apesar das medidas de limpeza geral da cidade e outras que se tomaram, mantinha-se em deploravel situação de depressão moral; presa de pavor pela approximação do temeroso hospede, sem uma esperança siquer de furtar-se á lethal molestia, que não fazia distincção entre ricos e pobres, homens e mulheres, adultos e creanças, appellou, como sempre se faz nas grandes crises moraes, para a Misericordia Divina.

Em todas as casas, ás primeiras horas da noite, deante do oratorio illuminado, a familia reunida orava com fervor.

A' invocação ao Divino Espirito-Santo—«*Vinde, Espirito Santo, enchei os corações de vossos fieis e accendei nelles o fogo do vosso amor*»—, seguiam-se a Ladainha, a oração de S. Bernardo á Santissima Virgam e hymnos, entre os quaes um muito em voga, repetido na melopéa plangente dos canticos sagrados:

«—Oh! Amante Deus
De eterna luz,
Livrai-nos da peste,
Divino Jesus—».

Certo é que o Ceará foi poupado em 1850, e Fausto de Aguiar, no seu relatorio lido a 1.º de Julho perante a Assembléa Provincial, affirma que a febre amarella poupara o Ceará até aquella data; que todas as medidas sanitarias haviam sido tomadas de accordo com o medico provedor da saúde, dr. Liberato de Castro Carreira, digno dos maiores elogios. Destinara o edificio nacional situado na Jacarecanga, a sotavento da cidade, para serem ahi postos em observação, durante o tempo conveniente, os passageiros vindos de portos infeccionados.

Não apparecera nenhum caso suspeito!

Em 1851, já não governava o Ceará o dr. Fausto de Aguiar. Passara a administração da provincia ao vice-presidente coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, commandante superior da Guarda Nacional, e este, depois de uma interinidade de tres mezes e meio, a entregara ao presidente dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta (3), bacharel como o seu antecessor.

Foi nos ultimos dias da administração de Silveira da Motta, que começaram a apparecer os primeiros casos de febre amarella.

Cumpre consignar que, em Janeiro desse anno, aportara em Fortaleza um brigue francez, procedente de Cayena, onde grassava intensamente a molestia. Durante a travessia, perdera dous tripo-

---

(3) Barão de Villa Franca por decreto de 16 de Janeiro de 1875; com as honras de grandeza por decreto de 22 de Setembro de 1877.

lantes, e, chegado á Fortaleza, foi posto em quarentena.

Nenhum caso suspeito se offereceu então á observação dos medicos. Só em Junho appareceram os primeiros casos, e tão benignos que não elevaram a cifra da mortalidade ordinaria.

Ao primeiro rebate, Silveira da Motta reuniu no palacio da presidencia os medicos de Fortaleza, que eram o dr. José Lourenço de Castro e Silva, cujo nome já se pronunciava no seio da Imperial Academia de Medicina; o dr. Liberato de Castro Carreira, a quem coubera, no Ceará, a prioridade no emprego do chloroformio como anesthesico, nas operações cirurgicas (4); e o dr. Mar-

(4) O dr. Castro Carreira, formado no Rio, em 1844, logo se recolheu á provincia, onde começou sua vida clinica, a principio no Aracaty, sua cidade natal, depois em Fortaleza.

Em 1849, voltou ao Rio de Janeiro, a passeio, e, frequentando com assiduidade o hospital da Santa Casa da Misericordia, teve occasião, mais de uma vez, de ver o professor Manoel Feliciano, pontifice da cirurgia brasileira, nesse tempo, applicar o chloroformio em doentes a operar.

Eram as primeiras applicações que se faziam do novo anesthesico, no Brasil; na Europa mesmo era de recente data o seu emprego.

O dr. Castro Carreira muniu-se de uma certa porção e trouxe para o seu serviço cirurgico na provincia. Chegou á Fortaleza a 25 de Abril de 1849.

Nesse mesmo dia, ás 9 1 2 horas da noite, um tiro de emboscada feria gravemente, na articulação do joelho direito, o alferes do corpo fixo Luiz de França Carvalho, que, havia pouco, chegara, transferido para a guarnição do Ceará,

Conversava Luiz de França com o capitão Jooquim Ferreira de Souza Jacarandá e Miguel Joaquim Pereira, sentados os tres em um banco, do lado de fóra, á entrada da sala do estado-maior, no quartel do corpo fixo, quando foi attingido pela bala que o feriu.

Jacarandá respondera a jury pelo crime de 8 de Dezembro de 1841 e fôra aosolvido; continuava, entretanto, preso, em virtude da appellação interposta pela viuva do infortunado chefe liberal major Facundo.

Foi no alferes Luiz de França que, no Ceará, teve sua

cos José Theophilo, o mais joven dos tres, doutorado na Bahia a 13 de Dezembro de 1849 e chegado à Fortaleza a 31 do mesmo mez e anno.

Além destes, havia dous cirurgiões portuguezes:—Joaquim da Silva Santiago (5), velho e cançado, já afastado dos labores da clinica por antigos soffrimentos prostaticos, a que veiu a sucumbir a 16 de Agosto desse anno de 1851, e José Joaquim Machado (6), que servia na enfermaria militar do corpo fixo. Um e outro, alheios ás conquistas que vinham rasgando novos horizontes aos discipulos de Hippocrates, representavam o passado, no vasto campo das sciencias medicas.

A homeopathia começava a ser applicada.

Nos ultimos dias de Dezembro de 1848, chegara á Fortaleza o dr. Augusto Jernstedh, propagandista do novo methodo therapeutico nas provincias do norte.

Foi o introductor da homeopathia no Ceará.

---

primeira applicação o chloroformio, e quem primeiro applicou o dr. Castro Carreira (18 de Maio de 1849).

(5) Pae adoptivo de d. Clodes, Viscondessa de Jaguaribe'

(6) Por ter sido transferido, Machado deixou o Ceará, embarcando para Pernambuco, no vapor «S. Salvador», a 10 de Janeiro de 1853.

O presidente Almeida Rêgo mandou que lhe fornecessem passagens, e á sua esposa, d. Francisca Teixeira Machado, a seus filhos Germano, de 9 annos, Miguel, de 8 annos, Manoel, de 7 annos, Micaella, de 10 annos, Francisco, de 6 annos, Bemvinda, de 11 mezes, e a dous creados caboclos—Francisco e Mariana.

Germano veiu a ser, em nossos dias, inspector da alfandega do Ceará.

Machado, já arredado do serviço militar pela reforma no posto de capitão, falleceu no Rio Grande do Norte, em Natal, a 9 de Julho de 1870.

Elle, Silverio José da Cruz e Santiago foram os ultimos cirurgiões portuguezes que serviram na enfermaria militar do Ceará. De 1852 data a grande serie dos medicos militares brasileiros na provincia; os primeiros foram o dr. José Joaquim Gonçalves de Carvalho e o dr. José Coelho Moreira de Souza, ambos bahianos.

Aboletou-se no sobrado do coronel Joaquim Mendes, na rua da Palma, e ahi, das 8 horas da manhã ás 4 da tarde, dava consultas; do meio dia ás 2 horas fazia distribuição gratuita de remedios aos pobres, desde que lhe levassem um attestado de pobreza passado pelo vigario, padre Carlos, ou outro qualquer sacerdote. Vendia «boticas homeopathicas» e livros que ensinavam curar pela homeopathia.

Muitas foram as pessoas que, lendo esses livros, tornaram-se «medicos» homeopathas, concorrendo com os allopathas no tratamento dos doentes. Não exigiam pagamento, honra lhes seja, nem mesmo cobravam o valor das «doses» applicadas.

Contentavam-se com a satisfação intima que lhes deparava o restabelecimento dos doentes, o que, para elles e para os enfermos, constituia sempre um grande triumpho do principio basico da doutrina:—*similia similibus curantur*.

Nesse anno de 1849, o dr. Castro Carreira, de volta do Rio de Janeiro, fez publica profissão de fé (9 de Maio de 1849), adoptando com grande enthusiasmo o methodo therapeutico de Hahnemann, sem desprezar, todavia, a velha escola em que se educara. O proprio dr. Castro Carreira trouxera do Rio algumas «boticas», sem demora adquiridas por muitos vigarios do interior, que se faziam medicos do corpo e da alma.

Entre as pessoas que, nesse tempo, se dedicaram ao estudo da homeopathia e começaram a applicar «doses», contavam-se, em Fortaleza, José Henrique Samico e Candido José Pamplona: Samico logo morreu (7); Pamplona soccorreu os pobres com a sua homeopathia durante 17 annos (8).

---

(7) Victimado pela febre amarella, falleceu, na sua residencia, á rua do Rosario, em Fortaleza, a 15 de Agosto de 1851. Era pae do dr. Henrique Samico.

(8) Candido José Pamplona nasceu na cidade do Ara-

Entre os casos de cura operados por Candido Pamplona ganhou fama o occorrido com a esposa do presidente da provincia dr. Silveira de Souza (1858).

Conta-se que, gravemente doente a illustre senhora, o dr. Silveira de Souza, no auge da maior afflicção e deante da nenhuma esperança dos medicos assistentes em salvar a doente, pediu-lhes licença para recorrer á homeopathia. Annuiram os medicos e foi chamado a palacio o ten.-cel. Pamplona.

O modesto homeopatha sentiu-se embaraçado com a responsabilidade que era chamado a assu-

---

caty a 3 de Outubro de 1805; falleceu, em Fortaleza, no seu sitio *Murtipicú* (Barro Vermelho), a 17 de Setembro de 1866.

Era filho de João Tiburcio Pamplona e d. Francisca dos Santos, irmã do padre José Francisco dos Santos, um dos arrolados entre as *pessoas que mais se desenvolveraõ no malvado sistema republicano na capital da provincia do Ceará*, em 1825; irmão, pelo lado paterno, do dr. Frederico Augusto Pamplona, Theodoro Augusto Pamplona e Quintino Augusto Pamplona, e, pelo lado materno, do dr. Gonçalo de Almeida Souto, Amaro Rodrigues Souto, Simão Rodrigues Souto e d. Florinda Rodrigues Souto, que foi esposa do coronel José Nunes de Mello.

Casou-se Candido Pamplona, no Aracaty, a 14 de Janeiro de 1830, com d. Maria Palacio Pamplona, filha de Manoel Joaquim Palacio e d. Antonia Theresa de Barros Palacio (da familia Costa Barros), nascida a 1.º de Setembro de 1814.

Contava ella então 15 annos de idade completos, elle 24. Continuaram a residir no Aracaty e ahi nasceram seus seis primeiros filhos. O feliz casal os teve em numero de 15.

a) Iclirerico, nascido a 14 de Out. de 1830, † na Cap. Federal a 29 de Outubro de 1897.

b) Candido 1.º, nascido á 24 de Outubro de 1831, † a 29 de Março de 1832.

c) Candido 2.º, nascido a 15 de Outubro de 1832, † na Cap. Federal a 9 de Março de 1890.

d) Adelaide, nascida a 26 de Dezembro de 1833, casada com Joaquim Feijó de Mello a 30 de Janeiro de 1863, † em Fortaleza em 1884.

e) Durval, nascido a 29 de Dezembro de 1834, † em Fortaleza a 6 de Março de 1858.

mir. Debalde tentou escusar-se: allegou que não tinha estudos de medicina; attendia aos doentes pobres, applicando-lhes a homeopathia, em casos que lhe pareciam simples, guiado pelas leituras que fazia sobre o assumpto, não se sentia capaz de produzir o milagre que não fôra possivel a homens cultos na arte de curar, cheios de saber e experiencia...

Não lhe attendeu as razões o dr. Silveira de Souza. A doente lhe foi entregue e Pamplona ap-

---

f) Itricleo, nascido a 17 de Abril da 1836, † em Nictheroy em 1921.

g) Luiza, nascida a 30 de Julho de 1843, † a 19 de Setembro de 1843.

h) Asclepiades, nascido a 17 de Outubro de 1844, † a 13 de Dezembro de 1844.

i) Asclepiades, nascido a 9 de Novembro de 1845, †, como o precedente, com poucos mezes de idade.

j) Asclepiades, nascido a 25 de Fevereiro de 1847, † a 6 de Julho de 1847.

k) Frederico, nascido a 29 de Agosto de 1848, † a

l) Rosa, nascida em Dezembro de 1850, † no Rio de Janeiro.

m) Maria, nascida a 1.º de Setembro de 1852, casada com o commerciante Peregrino Ildefonso de Arruda (13 de Janeiro de 1874), viuva em 1881.

n) Anna, nascida a 6 de Setembro de 1854, casada em primeiras nupcias com o commerciante Pedro da Silva Nava, maranhense, e em segundas nupcias com Joaquim Feijó de Mello, viuvo de sua irmã Adelaide. Viuva novamente.

o) Flavio, nascido a 7 de Maio de 1858, † fallecido no Rio de Janeiro.

O tenente-coronel Candido José Pamplona foi, por muito tempo, o 1.º tabellião publico de Fortaleza. Deixou o cartorio em 1866 (decreto de 9 de Março), sendo substituido por seu genro Joaquim Feijó de Mello.

Sua descendencia é muito numerosa; está hoje na 5.ª geração, representada pelos filhos dos bisnetos de Iclirerico, seu primogenito.

Entre os seus bisnetos contam-se, em Fortaleza, a exma. esposa do commerciante Joaquim Antonio Vianna Albano, o commerciante C. N. Pamplona e suas irmãs, o dr. Carlos Feijó da Costa Ribeiro e seus irmãos.

plicou suas «doses». As melhoras se pronunciaram e o restabelecimento se deu.

Grande renome lhe resultou dessa cura, além da estima particular de que sempre lhe deu provas o dr. Silveira de Souza.

Eram tres as boticas, como se dizia então.

A mais antiga, a de Antonio Eloy da Costa (9), estivera sem profissional competente desde a morte do seu proprietario e fundador (19 de Dezembro de 1849), até a chegada do filho e successor deste, Antonio Theodorico da Costa, o qual, no Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina, fazia o curso de pharmacia.

Prestava Theodorico os exames do 2.° anno, quando lhe chegou a noticia da morte de seu pae. Deliberou ficar no Rio para ultimar seus estudos, e, de longe mesmo, deu providencias sobre a nova situação da familia.

A pharmacia não se fechou com a morte do proprietario. A viuva, auxiliar de Eloy, durante muitos annos, nos trabalhos do laboratorio, manteve aberto o estabelecimento, cujo movimento se restringiu, por esse tempo, á venda das substancias usadas na medicina popular e outras, que sem inconvenientes podiam andar nas mãos de toda gente.

---

(9) Antonio Eloy da Costa era pernambucano, do Recife, nascido a 22 de Julho de 1797.

Fundara sua pharmacia em dezembro de 1821.

Liberal de idéas avançadas, foi um batalhador da imprensa, no Ceará, que lhe deve guardar o nome com muita estima.

Mais de uma vez affrontou com desassombro a ira dos poderosos. Nunca conseguiram fazer callar o jornal a que elle prestava seu valioso concurso. Soffreu, por isso, aggressão material, da qual lhe resultou a inhabilidade quasi completa do braço direito para a sua funcção natural.

Não se aviavam receitas, mas preparavam-se, com esmero e perfeição, excellentes xaropes, entre os quaes avultava o de angico, muito procurado para o tratamento das bronchites.

Em 1850, prestados os exames finaes do curso e collado o grau, Antonio Theodorico partiu do Rio de Janeiro para o Ceará a 15 de Novembro, tomando passagem no vapor «S. Salvador».

Chegado á Fortaleza, tomou a direcção dos negocios e só deixou de trabalhar quando, diplomado em pharmacia seu filho José Eloy da Costa (31 de Dezembro de 1881), passou a este a direcção da casa, sempre mantidos os elevados creditos de que ainda hoje vem gosando.

Morto José Eloy (24 de Maio de 1919), a Pharmacia Theodorico passou á direcção do filho deste, tambem pharmaceutico pela Faculdade da Babia (2 de Dezembro de 1905), Alberto Eloy da Costa, que a mantém em apreciavel grau de prosperidade.

E' talvez a Pharmacia Theodorico o estabelecimento commercial mais antigo do Ceará. Talvez mais antigo que a Casa Ingleza.

Vem a proposito lembrar que as casas Albano e Villar datam de 1853:—a primeira foi fundada pelos irmãos José e Manoel Francisco da Silva Albano, cearenses, os quaes fizeram o tirocinio mercantil sem nunca terem sahido de Fortaleza (10);

(10) José Francisco da Silva Albano, nascido em Fortaleza a 21 de Maio de 1830. Coronel da Guarda Nacional. Cavalleiro da Ordem de S. Gregorio Magno, de Roma. Barão da Aratanha por dec. de 3 de Dezembro de 1887. Iniciou sua vida commercial trabalhando como caixeiro da firma Pacheco & Mendes. Deixou esse emprego a 20 de Janeiro de 1853, agradecendo publicamente o bom tratamento que lhe dispensaram seus patrões, principalmente o socio José Antonio Pereira Pacheco. Pouco depois, a 1.º de Março, de sociedade com seu irmão Manoel Francisco da Silva Albano, inauguravam os dous a Caaa Albano, ainda hoje uma das mais acreditadas em Fortaleza, † a 13 de Junho de 1891.

a segunda teve como fundador João da Silva Villar, portuguez, tambem educado no commercio de Fortaleza (11).

A botica de Antonio Rodrigues Ferreira era a mais procurada. Fundara-a em 1825 Antonio Rodrigues Ferreira, que o povo passou logo a chamar—Ferreira Boticario.

Era situada na Praça Pedro II, proximo ao sobrado de Vicente Mendes, onde começava o beco depois chamado rua das Trincheiras, hoje rua Conselheiro Liberato Barroso.

Dahi nunca sahiu. Com a morte de Ferreira (29 de Abril de 1859), a pharmacia passou á propriedade de Antonio Teixeira Bastos Leal que a manteve pouco tempo ; seu successor, o pharmaceutico Pedro Nogueira Borges da Fonseca, a conservou com a mesma feição que lhe dera primitivamente o fundador.

A pharmacia Mamede era a mais recente.

Antonio Paes da Cunha Mamede (12), portuguez, chegara ao Ceará com sua familia, vindo da Parahyba, a 16 de Março de 1849. Estabeleceu sua pharmacia na rua Formosa, na casa que ficava á direita do escriptorio commercial de Mendes & Irmão, abrindo-a á concorrencia publica a 15 de Maio desse anno.

---

(11) Villar trabalhou durante muito tempo no ascriptorio commercial de Henrique Ellery, que fazia importação e exportação e era o agente da Companhia de Vapores da carreira—Rio-Belém. Deixou essa casa a 18 de Janeiro de 1853 e nesse anno fundou a Casa Villar, hoje sob a direcção dos netos.

João Villar casou-se no Ceará, na familia Moreira, em que se casaram tambem outros portuguezes commerciantes—Victoriano Augusto Borges e Francisco Joaquim da Rocha.

(12) Falleceu em Fortaleza precisamente no dia em que completava 101 annos de idade.

Quando Mamede, já velho, deliberou retirar-se á quietude da vida rural, passando a residir em um sitio, em Mondubim, a pharmacia teve a direcção de seus filhos, o pharmaceutico Catão Paes da Cunha Mamede e Antonio Paes da Cunha Mamede. Ainda hoje existe, á rua Major Facundo n.º 226, sob a direcção de herdeiros de Mamede.

Da reunião effectuada no palacio da presidencia resultaram medidas tomadas por Silveira da Motta no mesmo dia (23 de Junho de 1851).

Ao chefe de policia interino José Maria Eustaquio Vieira (13) officiava «—que tendo nesta data expedido ordem para limpar-se as immundices, e dar-se escoamento as agoas do corrente, que passava pelos quintaes da rua de baixo que se achavão prejudicando a saúde publica, assim o communicava-lhe afim de que, dando as convenientes providencias, mandasse prender e processar por infracção de postura a todas as pessoas que fossem encontradas lançando immundices pelas ruas e becos desta capital».

A João Mendes Pereira, apontador das obras publicas, recommendava «—que fizesse, de accordo com o medico da pobreza, dar escoamento as agoas e limpar as immundices que se encontrassem no corrente que passava pelos quintaes da rua de baixo, pedindo aos donos dos respectivos quintaes a precisa licença ; assalariando para esse trabalho, que deveria ser feito com a maior brevidade, as pessoas que julgasse necessarias, apresentando a conta da despeza para se lhe mandar pagar—».

---

(13) O effectivo, dr. Francisco Domingues da Silva, estava no Rio, como deputado geral pelo Ceará.

A cada um dos medicos—dr. José Lourenço, dr. Castro Carreira, dr. Marcos e cirurgtão Machado—officiava a 25 de Junho, pedindo que remettesse á presidencia um relatorio dos casos de febres de máo caracter, que houvesse apparecido na capital, com um parecer a respeito, afim de que podesse o governo providenciar com os meios que estivessem a seu alcance e reclamados pela saúde publica.

Na mesma data officiava ao tenente João da Silva Pedreira, encarregado dos armazens de artigos bellicos, ordenando que mandasse apromptar, no hospital de caridade, duas salas para nellas serem recebidos os pobres que fossem atacados da epidemia, fazendo assoalhar estas salas com as taboas existentes na mesma casa, entendendo-se a respeito com o medico da pobreza e a commissão das obras do hospital; mandava, outrosim, que se servisse das tarimbas que o mesmo medico julgasse precisas para as duas enfermarias, podendo aproveitar as que já existiam no lazareto da Jacarecanga.

O hospital estava em edificação, e á commissão encarregada das obras, composta, nesse tempo, do coronel Joaquim Mendes da Cruz Guimarães, Francisco Emygdio Soares da Camara e Luiz Vieira da Costa Delgado Perdigão, officiou Silveira da Motta dizendo que mandasse franquear ao tenente João da Silva Pedreira duas salas no hospital de caridade, bem como as taboas, que fossem precisas para o assoalho das mesmas.

A cidade estava em deploravel estado de sujidade. A monturcira se exibia por toda parte. As «frentes», então muito numerosas, que a camara obrigava a levantar, no perimetro urbano, deante dos terrenos devolutos, eram o receptaculo do lixo e toda sorte de dejectos da vizinhança. O «Cearense», fazendo considerações sobre o mal, que irrompia, e tratando do estado de abandono em

que se achava o asseio da cidade, que ainda não era calçada, dizia:

«—Mas resta um objecto sobre o qual muito chamamos a attenção do governo, já que a camara, a quem competia, não tem dado providencias. Queremos fallar dos monturos de immundices que obstruem alguns beccos, do pouco aceio que existe no nosso mercado, da falta de limpesa que geralmente se nota em nossas ruas, onde não é raro acharem-se animaes em putrefacção.

O becco, por exemplo, da casa do sr. Garcia acha-se tão immundo pelo despejo de materias fecaes que nelle fazem, que só por si seria capaz de empestar uma cidade. Façamos da nossa parte o que pudermos, que Deus não nos desamparará. A limpesa e o aceio e temperança é para todas as enfermidades, e sobre tudo para a prezente, o mais seguro preservativo do mal—».

A acção decisiva do presidente em tomar as primeiras providencias encheu de certa confiança a população da Fortaleza, que se agitou num movimento geral de limpeza: João Mendes, o subdelegado Antonio Belarmino Bezerra de Menezes e o medico da pobreza dr. Castro Carreira superintendiam o serviço das ruas, praças e aguadas, executado vigorosamente por numerosas turmas de trabalhadores.

Deante daquelle exemplo, conhecida a circular de Silveira da Motta ao chefe de policia, não houve na cidade quem não fizesse capinar o quintal da sua residencia, reunindo o lixo, que era convenientemente enterrado.

Em poucos dias o aspecto da Fortaleza era outro.

O dr. Castro Carreira acudiu immediatamente ao appello do presidente, enviando, sem perda de tempo, seu parecer sobre a epidemia, o qual é o seguinte:

«—Ill.mo Ex.mo Sr.—Respondendo ao

officio de V. Exc., datado de hoje, em o qual exige minha opinião á cerca do caracter da epidemia reinante, e quaes as providencias, que convém tomar, eis o que penso a respeito.

Que nós actualmente soffremos de uma molestia epidemica, não resta duvida; o numero de pessoas, que todos os dias são affectadas, e a maneira porque o são, assim o justificão; e que esta epidemia é a febre amarella, que tem graçado em todas as provincias do litoral do imperio, é o que vou demonstrar.

Os pequenos limites de uma informação não dão jugar á grandes descripções, e por isso serei bastante conciso no que tenho de dizer

A febre reinante não tendo tempo certo para sua invasão, todavia é ella mais constante de dia, do que de noite, sendo mais frequente pela manhã. Seu primeiro signal ou symptoma é um frio geral mui desagradavel, que obriga o doente a procurar logo a cama, a este segue-se a febre mais ou menos intensa, fortes dores de cabeça, maxime supra orbitarias, bocca amargoza, nauzeas, vomitos biliosos em uns, em outros mucosos, e em alguns ausencia deste symptoma; sêde intensa em uns, em outros grande secura da bocca, porém não desejão beber agua, e muitos a rejeitão com receio dos vomitos, que provoca; dores no estomago, e por todo o corpo especialmente pelos lombos, cadeiras e pernas, languidez, falta de forças, e em alguns prostração, extremos frios, e dormencia dos mesmos, ourinas pouco abundantes, difficuldade na dejeção, e mui vermelha.

Face vultuosa e congesta, olhos inxados, rubros, e injectados, impossibilidade de encarar repentinamente a claridade, suor viscoso; caracteres estes, que me fazem mudar o tratamento daquelles, em quem se mostra a pelle secca, arida, e suppressão completa da transpiração, etc.

Grande fastio não só durante o periodo da febre, como em sua convalescença em poucos; sendo então a maior parte atormentados de uma fome insaciavel; épocha esta do maior cuidado pela facilidade e risco das recahidas.

Taes são os symptomas, que tenho observado com mais ou menos intensidade em cincoenta e quatro (54) doentes, que tenho tratado até hoje (25), e tambem aquelles, que se achão descriptos por differentes medicos em diversas provincias, os quaes designarão por febre amarella

Os doentes são em geral atacados de repente, poucas vezes apresentando-se a molestia com prodromos.

Entre os meus doentes em dous observei symptomas de soffrimentos nervosos, em um observei a epistaxis; em alguns vomitos amarellos esverdiados; e o vomito preto e sanguineo, vi, mas não em pessoa por mim tratada. Não perdi ainda um só doente, e isto attribuo não só a inergia do tratamento que emprego, como porque os doentes chamão, logo que são affectados, os soccorros da sciencia; e tambem a benignidade com que se tem apresentado a epidemia.

O tratamento que tenho applicado tem sido *só e exclusivamente homeopathico*, com o qual tenho obtido os mais bel-

fos resultados em 12, 24 e 36 horas, e poucos tem excedido de 4 dias de tratamento.

Não entrarei na questão de ser ou não ser contagiosa a molestia; a occasião não é propria, e nem eu augmentaria cousa alguma ao que tem dito immensas capacidades pró e contra: o que é verdade, e que a experiencia tem mostrado, é que a molestia não pega por contacto mediato ou immediato do doente, se assim fôra os medicos serião os primeiros a serem contaminados do mal apenas tratassem de algum doente: a causa da molestia existe na atmosphera, ahi a obtem aquelle, que mais disposto se acha para a contrahir: por tanto para ella é que cumpre chamar toda attenção, e eis o que de momento eu julgo da maior consideração e necessidade.

Antes de tudo, Ex.mo Sr., eu apontarei como a mais urgente e palpitante necessidade a installação de um asylo, onde seja recolhida a pobresa, que além da miseria e nudez, que soffre, é atormentada do flagello da molestia. Se em todas as mais provincias onde existem hospitaes de caridade, tem sido mistér a criação destes hospitaes ambulantes, quanto mais entre nós onde até isto nos falta! Eu ouso esperar da sabia e philantropica administração de V. Ex.a, que esta medida será immediatamente tomada, apenas chegue a V. Ex.a o conhecimento de sua necessidade, e por isso eu tomo a liberdade de lembrar a V. Ex.a o edificio do mesmo hospital de Caridade, que se está edificando, no qual se pode mandar preparar duas ou trez salas para servirem de enfermarias. Este local, Ex.mo Sr., é muito melhor, do que o lazareto da Jacarecanga

o qual além de longe, não tem as commodidades necessarias, e não pode sem grande incommodo e mesmo risco ser para ali transportado a qualquer hora do dia ou da noite o doente, que precisar, o que não acontece no hospital de Caridade, que tem todas as proporções. Em seguida tenho de lembrar a V. Ex.ª como meios hygienicos:

1.º—O escoamento das aguas dos quintaes da rua de baixo, e ordem expressa aos donos dos mesmos para não só conservarem a valla sempre limpa, e a agua com livre transito, como o seu maior aceio, e não continuarem como se achão no mais triste e deploravel estado de podridão.

2.º—A limpeza das ruas, beccos e travessas, que se achão entulhadas de cisco e immundicie de toda a especie, acontecendo como no cacimbão, chafariz da cidade e da praia, largo da matriz pelo lado da caza do Sr. padre Carlos; rua Nova, em frente da caza do Sr. Dr. Marcos, e em outras muitas partes, que pelo máo estado de limpeza cauzão nojo e vergonha: eu devo dizer a V. Exc. que a muito não vejo esta cidade com tão pouco aceio.

3.º— Não consentir que se faça a limpeza das ruas enterrando o lixo e mais esterquilinios no meio das mesmas, tendo apenas por coberta uma tenue camada de terra: se aprouver assim fazer-se a limpeza para maior commodidade e economia de tempo e despeza, ordene-se que se fação vallas bastante fundas, porque desta sorte previne-se a exalação das substancias mephiticas.

4.º—Ter a maior cautela e vigilancia no matadouro publico, ordenando-se, que sejão igualmente enterrados em vallas bas-

tantes fundas o sangue e restos daquellas substancias, que não se aproveitão, afim de não acontecer como actualmente, que não se pode chegar ao lugar da matança sem grande repugnancia, pelo máo cheiro que exala.

5.º — Inspeccionar rigorozamente o mercado publico, tabernas &, assim como as substancias alimentares, que se vendem, não exceptuando deste exame as bebidas, &.

6.º—Vellar sobre as fontes donde tiramos agua para nossa alimentação, pois que como se pratica actualmente, é sem duvida tomar agua da peior qualidade, pela porcaria que praticão as pessoas que a vão colher.

7.º— Ordenar ao guarda do cemiterio que as covas para o enterramento dos corpos não tenhão nunca menos de 8 a 10 palmos de fundo. Assim como que os cadaveres não se demorem muitas horas na superficie da terra, afim de que não haja tempo de entrarem em putrefação.

8.º—Que apparecendo mais alguma intensidade da febre, não houvessem mais toques de sinos, nem para signaes, nem mesmo para os Sacramentos, podendo o parocho os administrar sem aparato exterior, que tanto aterra em geral a aquelles que se achão affectados do mal.

9.º—Mandar fazer fumigações nas prisões, e outros lugares onde ha ajuntamentos e reuniões.

10.º—Fazer visitar todo o qualquer quintal, que se tornar suspeito de não conservar a devida limpeza, e ordenar a seus donos de fazerem sob pena de multa, se o não praticarem.

Os Srs. paes de familia devem ter o maior cuidado na limpeza de suas cazas. Estas medidas devem ser estendidas a maior parte das cazas de palha habitadas por gente, que nenhum cuidado tem nem ao menos de si.

11.º—Fazer entrar para o hospital todos aquelles pobres, que estiverem nas circumstancias.

12.º—Finalmente fazer compreender a todas as pessoas, que a epidemia reinante é a mais benigna possivel, e o nosso clima, a estação em que entramos, abundante em ventos geraes, e a nossa pouca população são penhores mais que sufficientes para este estado.

Procurando-se logo, que fôr affectado, os soccorros da sciencia, pode-se confiar ao bom exito do tratamento; é da maior necessidade, que seja chamado logo o medico, pois que o tempo é precioso: se em uns não causa isto differença, em outros pode ser inteiramente prejudicial. Sendo o medico chamado em tempo, poupa-se maior trabalho, e corre-se menos risco: assim pois o melhor preservativo da febre é applicar em continente o remedio para ella.

Taes são as poucas considerações, que tenho á honra de levar ao conhecimento de V Ex.ª, de quem espero desculpa, attendendo a urgencia com que forão pedidas, e o pouco tempo que tive para dal-as.

Ficarei assás contente se merecerem ellas a alta consideração de V. Ex.ª Deos guarde a V. Ex.ª por muitos e dilatados annos.

Ceará, 25 de junho de 1851.—Ill.mo Ex.mo Sr. Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, mui digno presidente da provincia.—*Dr. Liberato de Castro Carreira*, medico da pobresa e provedor da saúde.

Voltava a occupar a attenção geral a lagôa do Garrote, tida como responsavel pelo apparecimento das febres palustres que, annualmente, se observam em Fortaleza. Silveira da Motta consultou a opinião dos medicos, não verbalmente, como o fizera Fausto de Aguiar, mas por escripto *(scripta manent)*, acautelando-se com a opinião dos scientistas contra as censuras, que lhe houvessem de ser feitas pela desseccação do pinturesco lago do Parque da Liberdade.

A opinião corrente era que devia desapparecer a lagôa; — foco de infecção permanente para a cidade, affirmava-se geralmente. Salvaram-na os medicos, o dr. José Lourenço, principalmente, que, por miúdo, estudou esse problema da salubridade de Fortaleza

Silveira da Motta dirigiu-se aos tres medicos —drs. José Lourenço, Castro Carreira e Marcos Theophilo — (28 de Junho de 1851), pedindo que lhe informassem

> «—sob a necessidade do desecamento da lagôa do Garrote, e o alcance que poderia ter em beneficio da saúde publica —».

Os medicos divergiram (sempre divergentes...)

O dr. Carreira affirmou que havia inconvenientes, mas podia ser conservada; o dr. Marcos condemnou-a em absoluto; o dr. José Lourenço propugnou ardorosamente a conservação.

Foi certamonte essa a opinião que mais pesou nesse julgamento, do qual sahiu victorioso o mal-

sinado lago, hoje cercado de verdes gramados e floridos canteiros, com a bella ermida no alto da c llina, reflectindo a flexa da sua esguia torre no espelho claro das aguas mansas.

Era, entretanto, notavel a prevenção contra a placida lagôa e vinha de longe essa prevenção. E' que se reunia ali, ás primeiras horas da noite e ás ultimas da madrugada, quando as aguas se avolumavam, accrescidas pelas chuvas copiosas dos mezes pluviaes, o rapazio da época, nos exercicios do cambapé e do *water-polo*, que já praticavam com a denominação patricia de *gallinha gorda*, exercicio no qual a bola fluctuante era substituida por um simples seixo ou por uma laranja, colhida por ali mesmo, em larangeira perdida na basta folhagem do vivente mata-pasto circumdante.

Reuniam-se os rapazes ás dezenas, e alguns levavam o desembaraço a se apresentarem desguarnecidos de quaesquer roupas. Demoravam-se no banho matinal mais do que era razoavel, de sorte que, ao regressarem, sol alto, offereciam um espectaculo impudico, que escandalizava a população de Fortaleza.

O abuso chegou ao ponto de merecer a attenção dos legisladores do municipio, que tiveram de adoptar no codigo das suas leis a postura seguinte, que publicaram em

> «—EDITAL—O fiscal da camara municipal faz publico a postura abaixo transcripta para os habitantes desta cidade, inteirados della, se cohibão de lavarem-se ou apresentarem-se nús das 6 horas da manhã as seis da tarde, nos lagos ou riachos, sob pena de soffrerem a multa marcada na mesma postura.
>
> Art. 70—Fica prohibido a qualquer pessôa apresentar-se núa das seis horas

da manhã ás seis da tarde nos lagos, ou riachos desta cidade, sob qualquer pretexto que seja. Os contraventores soffrerão a multa de 4$000 réis ou oito dias de prisão.

E para que chegue a noticia de todos e não possão allegar ignorancia, publico o presente edital na forma do costume.

Cidade da Fortaleza, 11 de maio de 1849.

Pedro Francisco da Silva, fiscal.

Interessantes os documentos que se referem ao caso, e, por pouco conhecidos, damol-os a seguir:

«—Illm.º e Exm.º Sr.—Em resposta ao officio de V. Exc. datado de 28 do corrente, em o qual consulta minha opinião acerca da lagôa do Garrote, tenho a honra de declarar a V. Exc., que o meu parecer a respeito é que não obstante ter esta lagôa os inconvenientes das aguas empossadas, todavia tem certas condições, que, se não afastão-na d'essa regra geral, ao menos mitigão muito os seus inconvenientes, e por isso a não julgo uma das poderosas causas de nossas molestias, e nem de infecção d'athemosphera ; e assim creio, porque sendo ella annual, quero dizer, que todos os annos ajunta-se uma tão pequena quantidade d'agua, que seeca e por isso se conserva limpa ; e sendo além do mais o seu fundo todo de a'arêa, não tem a agua tempo, nem proporções para apodrecer, e por conseguinte de ser prejudicial a saúde publica. Depois d'isto, Exm.º Sr., a medida que esta lagôa vae seccando, se vão fazendo em sua margem, e depois no centro, cacimbas, de que se abastece

d'agua potavel uma grande parte da população d'esta cidade, a qual ficaria privada d'este soccorro, se por ventura fosse entupida a lagôa, obra esta superior as forças da provincia, pois que acredito que serão extraordinarias as despezas para uma tal obra, á menos que não se limitasse ella a entupir a pequena porção, que todos os annos toma agua.

Dando um parecer ácerca do assude Pajehú pedido pelo Exm.º Sr. Dr. Fausto Augusto de Aguiar, então presidente da provincia, eu comprehendi nas mesmas disposições a lagôa do Garrote, porém n'esse tempo eu estava mal informado, ou por outra não tinha os verdadeiros conhecimentos da lagôa.

Desejando V. Exc. apenas conhecer minha opinião a respeito, julgo ter dito quanto é bastante para um tal fim, todavia eu me submetto á alta consideração de V. Exc.; se julgar que não tenho dito quanto é sufficiente, pois que não tenho duvida em entrar em maior detalhe sobre a materia. No entanto por ora é o quanto tenho a honra de levar ao conhecimento de V. Exc. a quem Deos guarde por muitos e dilatados annos.—Ceará 30 de junho de 1851. Illm.º Exm.º Sr. Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta, presidente da provincia. Do medico da pobreza e provedor da saúde, *Dr. Liberato de Castro Carreira*—».

O dr. Marcos Theophilo respondeu:

«—Ill.mo e Ex.mo Sr.—Em resposta ao officio de V. Ex.ª em que me pede o meu parecer sobre o dessecamento da lagôa

do Garrote; respondo que essa lagôa he verdadeiramente um charco, onde se conservão em dissolução constante corpos que em evaporação são sufficientes para produsirem uma das causas poderosas, ou entreterem as differentes molestias que no fim de cada estação invernosa notamos nesta capital; tempo em que as aguas estagnadas tendem pela elevação da temperatura a se evaporar e com ellas os corpos em dissolução; assim pois julgo e até de bastante necessidade que V. Ex.ª tendo dito dessecamento como medida sanitaria a ponha em execução sem perda de tempo, pois estou convencido que não só se enfraquecerão as causas da endemia, como deixarão d'apparecer com tanta frequencia as febres intermittentes, que observamos aqui todos os annos. Deos guarde a V. Ex.ª—Fortaleza 30 de junho de 1851. Ill.mo e Ex.mo Sr. Dr. Ignacio Francisco Silveira da Motta.—*Dr. Marcos José Theophilo*—».

O parecer do dr. José Lourenço foi o mais longo e mais minucioso:

«—Illm. e Exm. Sr.—Em resposta ao officio de V. Exc. de 28 do corrente, no qual diz que eu informe sobre a necessidade do desecamento da lagôa do Garrote, e o alcance que este poderá ter em beneficio da saúde publica; tenho a declarar a V. Exc. que não reconheço tal necessidade por não concorrer para damnificar a saúde publica a existencia d'esta lagôa.

Uma grande bacia formada toda de arêa contendo em seu fundo uma grande

quantidade d'agua de chuva sem que em toda ella existão arvores, arbustos, raizes e materias animaes; não he certamente um desses lagos ou charcos, em que aguas lamacentas ou de mistura com as do mar, se depositem formando com lodo enlameado e vegetaes putrefactos—reservatorios pantanosos.

Para suppor um d'esses reservatorios seria tambem preciso, que quasi toda a agua desapparecesse no tempo secco, e que folhas e raizes se decompondo pela fermentação occasionada pelo contacto de um sol abrasador, fizessem impregnar na athmosphera effluvios deleterios. Mas pelo contrario vê-se que ali não existem vegetaes e materias animaes.

(Continúa)